

O envelhecimento do corpo no contexto do *body-building***Body aging in the context of *body-building***Adelma do Socorro Gonçalves PIMENTEL¹Christiane Pantoja de SOUZA²Eliana Célia Silva CARNEIRO³**Resumo**

As exposições neste texto são acerca do envelhecimento na conjuntura do consumo que agencia a finitude, a beleza, o desejo e o corpo. Através de um estudo teórico crítico de cunho bibliográfico discute-se o envelhecimento do corpo na conjuntura do mapeamento do genoma humano, da confecção de próteses de órgãos e da tecnociência criadora do hibridismo entre o humano e a máquina, aludindo a figura do ciborgue em substituição ao corpo encarnado. Juntamente a isto, configura-se o crescente movimento do *Body-Building*, que remete ao simulacro do próprio corpo e à ideia de imortalidade. Desvelou-se um contexto no qual se fabrica e vende de tudo, inclusive a falsa ideia de felicidade sem percalços, tristezas e perdas vividas durante a existência, implicando uma contradição entre os padrões estéticos e as mudanças no corpo ao longo da vida.

Palavras-Chave: Envelhecimento. Saúde. *Body-Building*. Consumo. Biotecnologias.

Abstract

The expositions in this text are about the aging in the conjuncture of consumption that agency the finitude, the beauty, the desire and the body. Through a critical theoretical study of a bibliographical character, we discuss the aging of the body in the conjuncture of the mapping of the human genome, the preparation of organ prostheses and the technoscience that created hybridization between the human and the machine, alluding to the figure of the cyborg in substitution to the incarnate body. Along with this, the growing movement of the *Body-Building*, which refers to the simulacrum of the body itself and the idea of immortality, is configured. It was unveiled a context was created in which everything is manufactured and sold, including the false idea of happiness without hardships, sorrows and losses lived during existence, implying a contradiction between aesthetic standards and changes in the body throughout life.

Key words: Aging. Health. *Body-Building*. Consumption. Biotechnology.

¹ Doutora em Psicologia. Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: adelmapi@ufpa.br

² Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará (PPGP/UFPA). Email: tianepantoja@gmail.com

³ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará (PPGP/UFPA). Email: ecscarneiro2014@gmail.com

Introdução

As exposições neste texto são acerca do envelhecimento na conjuntura do consumo que agencia a finitude, a beleza, o desejo e o corpo. Na compreensão de Moreira e Nogueira (2008) a pós-modernidade sempre terá como característica a emergência de uma cultura midiática. Este cenário social funda-se num forte apelo ao consumo estimulado pelos meios de comunicação de massa, os quais contribuíram decisivamente para a soberania da imagem, onde beleza, juventude, felicidade, o corpo perfeito e o sucesso pessoal constituem bens ou mercadorias a serem adquiridos. Nossas reflexões resultam da integração com a concepção proveniente da pesquisa intervenção que considera e trabalha a compreensão clínica das narrativas habituais e criativas da vivência da corporeidade (PIMENTEL 2017).

Neste sentido, consideramos relevante o debate acerca do corpo e da sociedade atual considerando que estamos todos implicados no intuito de contribuir para a saúde das pessoas de um modo geral e também buscando contribuir para constituir projetos de pesquisa e intervenção que favoreçam na clínica psicológica identificando suportes criativos à saúde psíquica do cliente que envelhece, pois, entende-se que “o corpo é presença, que, ao mesmo tempo, esconde e revela nossa maneira de ser-no-mundo” (Gonçalves, 1984, p 102), de forma que: “Podemos falar em uma linguagem corporal, que revela, por meio da exterioridade, a nossa interioridade, nossa história pessoal. Revela também a sociedade em que vivemos” (p. 103).

No que diz respeito às características de nossa sociedade, a compreensão da vivência do envelhecimento do corpo implica em desvelar o conhecimento sobre o mapeamento do genoma humano, a confecção de próteses de órgãos e a tecnociência criadora do hibridismo entre o humano e a máquina, aludindo a figura do ciborgue em substituição ao corpo encarnado. Estas tendências configuram o crescente movimento do *Body-Building*, um empuxo que remete ao “simulacro do próprio corpo” (LE BRETON, 2003, p. 10).

Deste modo, no horizonte dos discursos presentes nos textos encontrados sobre o assunto aqui tratado, consolidamos uma proposta de compreensão da problemática do envelhecimento na conjuntura atual do *Body-Building*, por intermédio do diálogo com o pensamento de Le Breton (2002, 2003, 2018) e Silva, Hall e Woodward (2014) para articular o debate sobre o corpo na atualidade. A aproximação com a literatura é consoante

à ponderação de que é necessária uma crítica do que vem sendo nomeado de “pós-humano”, uma inteligibilidade que emerge na episteme do corpo como objeto, coisa, máquina.

Trata-se de um debate teórico crítico de cunho bibliográfico, que consiste em um método pautado em materiais já produzidos por outros pesquisadores que traz como possibilidade abranger o fenômeno estudado de forma ampla reunindo informações que se encontram dispersas em vários autores e que trazem consigo apontamentos (Gil, 2019). O material utilizado incluiu livros e artigos científicos sobre o tema envelhecimento, contemporaneidade e biotecnologias. A análise do assunto foi inspirada na compreensão da Fenomenologia Hermenêutica de Paul Ricoeur encontrada nas obras: “Interpretação e Ideologias” (Ricoeur, 1990) e “Teoria da Interpretação” (Ricoeur, 2017), pois, como os textos consistem na expressão do mundo mediada pela escrita, desvelam-se a partir deles os processos de subjetivação, as ideologias, as metáforas, as ações e os agentes sociais (Ricoeur, 1990, p.46): numa “vinda à linguagem de um mundo mediante o discurso”.

Envelhecimento como escolha para o indivíduo contemporâneo

No debate das transformações dos séculos XX e XXI (GASPAR, 2015), diante do acelerado desenvolvimento do computador, das telecomunicações, das tecnologias digitais, da crescente possibilidade de armazenamento e recuperação de dados: backup, Download, dados na nuvem, das tecnologias Smart, Android, internet 4G e 5G, das inteligências artificiais e robôs, vemos que através das máquinas o mundo vem se tornando uma gigantesca rede de troca de informações, influência e influenciadores, modificando os modos como nos expressamos, nos comunicamos, percebemos, pensamos e interagimos no mundo.

No mesmo contexto das máquinas estão também as mudanças sobre a expectativa de vida e os avanços da tecnociência no campo das ciências médicas e biomédicas, desenvolvimento que se acelerou com o advento da engenharia genética e o mapeamento do DNA, no século XX, entrando no século XXI de forma irreversível com o investimento em biotecnologias (DANTAS, 2011) que são, no entanto, acessíveis apenas a quem pode pagar por elas, mas que de forma geral tendem a capturar o desejo em tecnologias que prometem melhoramentos na performance e aparência corporal, com efeito “anti-idade”

e de alta performance, sendo a estética corporal uma área intensamente subjetivada pela visão do corpo.

Hoje o corpo é constantemente aprimorado, seja por editores de imagens e câmeras com filtro de embelezamento ou, de outro modo por meio das cirurgias plásticas e academias de ginástica, que conferem ao corpo a beleza física dos músculos e o status de alta performance, regulada pela atualização da metáfora cartesiana do corpo como máquina. Assim, na era do capitalismo, a mídia tem propagado também a visão de envelhecimento como sinônimo de modificações corporais anti-idade, por meio do consumo de produtos e serviços médicos e cosméticos, envolvendo métodos e técnicas na busca de jovialidade eterna e de “aceitação social”. Assim, a estética ganha campo quando é relacionada à garantia de “felicidade” (DELBONE, JOAQUIM, PLONER e CYRINO, 2013).

O capitalismo imperial estabeleceu como procedimento de expansão “Capturar não mais territórios e sim pessoas, o desejo de milhões de consumidores”, resultando que uma consequência desta forma de expansão seja “Instalar uma nova e promissora relação entre capitalismo e subjetividade” (TAVARES e VARGAS, 2017, p. 156), criando-se uma cultura do corpo jovem a qualquer preço e favorecendo o “esquecimento” da finitude e da efemeridade da juventude (CHNAIDERMAN, 2013). Dentro do combo dessas transformações, a confecção de próteses de órgãos e a tecnociência criadora do hibridismo entre o humano e a máquina aludem à figura do ciborgue em substituição ao corpo encarnado. Estas tendências configuram um empuxo que remete ao “simulacro do próprio corpo” (LE BRETON, 2003, p. 10).

Por sua vez, Villaça, Góes e Kosovski (2012) ressaltam uma preocupação com os significados de “velhice” e “juventude” no discurso cotidiano, em que as falas, utilizadas por pessoas idosas apresentam alinhamento com o estereotipo da “juventude” inacabável, quando se diz de alguém que é “jovem de espírito” ou que “não aparenta” a idade que efetivamente tem (Grifos dos autores). Tal discurso evidencia um engodo, pois, quando se pretende elogiar uma pessoa idosa não reconhecendo a idade dela, significa que não se tem uma interpretação favorável do fenômeno do envelhecimento e, também há o mascaramento do preconceito. Ou seja, ao tentar dar importância à pessoa idosa, valoriza-se a juventude em detrimento da velhice. Tal inversão semântica é uma baliza da cultura ocidental contemporânea que aprecia apenas o novo, o recém-produzido, o mais moderno, o mais eficiente em termos de quantidade de produtividade.

Segundo Le Breton (2002, 2003) um novo imaginário de corpo surge nos anos de 1960 para o ser humano ocidental, pois, antes disso vivia-se a repressão e a discrição do corpo. Ocorreu, então, uma “descoberta” do corpo que, marcada pela aura dos meios massivos de comunicação, vem se difundindo e gerando os mais variados discursos e práticas. Neste contexto, o corpo se tornou o *locus* privilegiado do bem estar (a forma), do bem parecer (o *body-building*, os cosméticos, os produtos dietéticos, etc.), da paixão pelo esforço (maratonas, jogos, surf, etc.), do risco (escalada, aventura), de enfrentamento com o entorno, das incontáveis sensações, de reconquista de si mesmo, do discurso social, e um território a explorar (grifo nosso).

Neste sentido, o corpo aparece em formas que vão do corpo dispensável, destituído pela tecnociência, ao corpo “mimado” pelo consumo (Le Breton, 2003). No discurso científico contemporâneo o corpo é pensado como matéria indiferente, um objeto à disposição dos sujeitos que podem moldá-lo. Torna-se o invólucro de uma presença arquitetônica, obra de engenharia, partes materiais e funções cuja fundamentação da existência não se baseia na irredutibilidade do sentido de valor da própria carne do ser humano, mas na permutação de seus elementos, como peças isoladas e substituíveis (LE BRETON, 2003).

No bojo das transformações da condição humana o termo “individual”, também é uma categoria conceitual em plena redefinição na circunstância cultural da tecnociência, pois, cada vez mais individualizada, a cultura estimula com seus valores os indivíduos a voltarem-se cada vez mais para si mesmos, de modo que podemos indagar conforme Silva e Hall (2013) o que vem depois do sujeito? A resposta incluiria os ciborgues e híbridos que ao ganharem espaço ideológico na reconfiguração da subjetividade, convidam o ser humano contemporâneo a construir o corpo, conservar a forma, modelar sua aparência, ocultar o envelhecimento ou a fragilidade (LE BRETON, 2003).

Como ressaltam Haraway, Kunzru e Tadeu (2009): estamos na era do ciborgue, aqui e agora, onde houver um carro, um telefone ou um gravador de vídeo, pois, ser um ciborgue não tem a ver com quantos bits de silício temos sob nossa pele ou quantas próteses nosso corpo contém, mas sim com o fato de que no ambiente de uma academia de ginástica, ao observar uma prateleira de alimentos energéticos para *bodybuilding*, máquinas para malhação e calçados atléticos, nos damos conta de que estamos em um lugar que não existiria sem a ideia do corpo como uma máquina de alta performance.

Refletindo sobre o mundo contemporâneo e organizando o pensamento sobre a questão que propomos, parece útil ressaltar de onde vem a noção de contemporaneidade. Recorremos a alguns autores que trataram sobre essa definição. Monteiro (2011) explica que a noção de contemporaneidade traz em seu bojo referências da modernidade. Além disso, a modernidade como período recente da história, comporta mudanças no campo político, econômico, social e intelectual que se configuraram a partir de séculos anteriores, como o século XVII, passando pelo iluminismo, na segunda metade do século XVIII, e incluindo o advento da revolução industrial e o desenvolvimento do capitalismo.

Giddens (1991, p. 8) considera que: “modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mundiais em sua influência”, de forma que: “estamos alcançando um período no qual as consequências da modernidade se radicalizam e universalizam”. Ressaltando-se que a modernidade corresponde à época da sociedade industrial, “aquela em que o poder econômico e político pertence às grandes indústrias e em que se explora o trabalho produtivo”; a pós-modernidade corresponderia a uma sociedade pós-industrial, com o capital financeiro vinculado aos serviços de redes eletrônicas de automação e informação (CHAUÍ, 2012, p. 69).

No bojo destas transformações surge o discurso da qualidade de vida, que induziu ao longo do tempo mudanças de hábitos alimentares e físicos; dietas restritivas; e ingestão de suplementos alimentares, buscando-se aderir ao padrão de corpo vigente e implicando na manutenção ou modificação do modo de inserção social dos sujeitos, de forma que imagens de jovialidade tendem a estar vinculadas a outras imagens que sugerem felicidade, beleza, potência e êxito (CERQUEIRA, 2013; VILLAÇA, GÓES e KOSOVSKI, 2012). Nesta direção, o mercado de produtos, serviços e tecnologias dissemina ideologias de que há um corpo ideal a ser construído, seja por meio de variados recursos estéticos como as cirurgias plásticas e academias de ginástica, como pelo consumo de recursos biotecnológicos para “retardar” o envelhecimento físico (CHNAIDERMAN, 2013; DELBONE, JOAQUIM, PLONER e CYRINO, 2013).

O sofrimento humano diante da ameaça constante de tornar-se dispensável

No contexto ideológico das mudanças corporais manter-se “jovem” pode ser alcançado através do imediatismo estético, da negação da idade e do abuso das

biotecnologias da “imortalidade” (SIBILA, 2004). Destacando-se a contribuição da mídia para o entristecimento das pessoas diante de seu envelhecimento, ao divulgar imagens negativas associadas a velhice, pois, tentar apagar as marcas do envelhecimento passa a ser um dos grandes objetivos frente ao corpo que envelhece (GUARNIERI e LOPES, 2015).

Observando-se que conforme Dardengo e Mafra (2018) ao longo da história e variadas culturas e classes sociais os modos de perceber a velhice variaram entre o idoso sábio e do envelhecimento como fardo ou doença, decadência, passando por uma indiferença aos velhos, podemos considerar que hoje, no contexto da exposição dos corpos, a exclusão do contexto da beleza, do desejo e do trabalho geram sofrimento e podem significar a vivência do deboche, sarcasmo, zombaria, ansiedade, depressão e exclusão social, que marcaram o surgimento da negação da velhice, de forma que no século XXI o envelhecimento é regulado pela ilusão da medicina estética dada pela ideologia do ideal “anti-idade” que coloca a responsabilidade do envelhecimento sobre o indivíduo em forma de culpabilidade.

Peixoto (2007) lembra que a introdução da expressão Terceira Idade surgiu na França, a partir de 1962, em virtude da introdução de uma política de integração social da velhice visando à transformação da imagem das pessoas envelhecidas, visto que até então o tratamento da velhice era pautado na exclusão social, tendo o asilo como seu principal símbolo. Naquele contexto, onde as relações já se estabeleciam por meio do modo de produção capitalista, a força de trabalho era o bem que o indivíduo das classes menos favorecidas tinha para vender, de forma que, a partir da diminuição dessa força de trabalho, ele era incluído na categoria de velho, que, sem trabalho e desassistido pelo Estado, tinha seu estado de pobreza potencializado. A incapacidade para o trabalho produtivo associou a velhice à invalidez e à decadência até os dias atuais.

Assim, os termos velho e velhote eram empregados para reforçar uma situação de exclusão daqueles que eram despossuídos, indigentes e não detinham status social, sendo que o termo idoso era aplicado restritamente aos indivíduos que tinham status social advindo de sua experiência em cargos políticos, decorrente de situação financeira privilegiada ou de alguma atividade valorizada socialmente (PEIXOTO, 2007).

Peixoto (2007) assinala que a partir dos anos sessenta uma nova política social francesa para a velhice aumentou as pensões e conseqüentemente o prestígio dos aposentados. O termo idoso passou a ser utilizado nos textos oficiais em substituição aos

termos velho e velhote, e as pessoas envelhecidas passam a ser olhadas com maior respeito. Essas mudanças repercutiram no Brasil que, no final de década de sessenta assimilou a noção francesa de idoso utilizando o termo em alguns documentos oficiais.

Terceira idade passou a ser, então, a nova fase da vida entre a aposentadoria e o envelhecimento, sendo caracterizada por um envelhecimento ativo e independente, voltado para a integração e a autogestão e constitui um segmento geracional dentro do universo de pessoas consideradas idosas, ou seja, são pessoas com idade entre sessenta e oitenta anos. Já os idosos com mais de oitenta anos passaram a compor a quarta idade (DIAS, 1998).

Vale ressaltar que estão excluídos da categoria de terceira idade os indivíduos com sinais de decrepitude e senilidade. Fazendo um paralelo entre o significado social de ser velho e o de terceira idade Dias (1998) aponta alguns estigmas sobre a velhice, por exemplo, interdições sociais, e universalização de um processo de vida que é fenomenológico, isto é, norteados pela vivência e pelo sentido do envelhecer. A expressão “estar na terceira idade” vincula o envelhecimento a ações positivas como participar, questionar, mudar e evoluir, em que o idoso ocupa uma posição ativa dentro do seu processo de envelhecimento, tornando-se consciente de seu estilo de vida. O que pode facilitar à aceitação das limitações sob o aspecto biológico, e a possibilidade de busca de novas alternativas e adaptação às perdas (DIAS 1998).

Albuquerque (2012 p. 15) aponta a partir de um conjunto de pesquisas que o sofrimento psíquico “é um mal-estar que se expressa como angústia, preocupação, ansiedade tensão e/ou desânimo não necessariamente caracterizado como doença mental estrita”, sendo a maior prevalência de ansiedade e depressão entre as mulheres, possivelmente pelas desigualdades de gêneros e, também se pode dizer de um silêncio masculino no trato com as emoções e com a própria subjetividade. Sobre isso, Critelli (2015, p 73) ressalta que “observamo-nos pela perspectiva de nossos desejos, sentimentos e sensações, motivos e intenções [...] esse é um dos pontos de acesso que temos a nós mesmos, mas que é vedado aos outros, a menos que falemos deles e os revelemos”. Tal ponto de vista repercute a importância da clínica da escuta e mediação da recuperação do outro como interlocutor prioritário, na contramão de funcionarmos programados como máquinas.

A individualização atual que ao nos libertarem das tradições e dos valores comuns pode nos desvincular do essencial que consiste em dar significado e valor à existência,

em sentir-se ligado aos outros, experimentando o sentimento de ter um lugar no seio do vínculo social, pois, embora nossas condições de vida sejam melhores que as de nossos ancestrais: “o desmantelamento do vínculo social isola cada indivíduo e o entrega à sua liberdade, à fruição de sua autonomia ou, ao contrário, a seu sentimento de insuficiência, a seu fracasso pessoal”, de forma que o indivíduo que não dispõe de recursos interiores sólidos para se ajustar e dar significado e valores aos acontecimentos, com autoconfiança frágil, sente-se ainda mais vulnerável, sendo “obrigado a afirmar-se por si mesmo já que não encontra apoio na comunidade. Muitas vezes ele mergulha em um clima de tensão, de inquietude, de dúvida, que torna difícil sua vida” (LE BRETON, 2018, p. 9-10).

Talvez todas as exigências sobre os sujeitos na atualidade, todas as possibilidades e recursos que dizem que a responsabilidade por sua saúde e seu corpo é unicamente dele esteja implicado neste desejo de perfeição em padrões de ser. O envelhecimento posto como responsabilidade individual diante dos produtos e procedimentos anti-idade disponíveis no mercado e das variadas formas de manipular o corpo vai de encontro ao processo da vida e às diferentes possibilidades econômicas, genéticas e psíquicas de cada sujeito.

No manejo clínico psicológico dessas questões ressaltamos a agregação de uma intervenção que considere uma visão das dimensões política, social e dos direitos humanos cuja ação seja em prol da apreensão pelo cliente de que os processos de subjetivação são historicamente construídos. A compreensão considera os conceitos de “Aqui-Agora”, “Auto Regulação Organismica”, “Campo Holístico Relacional”, “Contato”, “Fronteiras de Contato”, “Ajustamento Criativo” e “Pensamento Diferencial”. As intervenções visam facilitar a experiência fecunda e o fluxo (tomada) de consciência (PIMENTEL, 2012, 2017).

Os construtos mencionados integram o sistema teórico e metodológico da Gestalt-terapia conforme Perls, Hefferline e Goodman (1997) segundo os quais as bases conceituais aplicadas a clínica são compostas a partir dos conceitos de: *Estrutura*: princípio ontológico que considera o humano como aquele que apreende totalidades e não partes isoladas da realidade, pois a própria realidade se mostra estruturada; *Campo*: componente que possibilita ao sujeito perceber-se integradamente, por meio do diálogo contínuo entre parte e todo (fronteira de contato, o outro e o meio ambiente); *Experiência*: composta por elementos fisiológicos, sensoriais, motores e culturais.

Dentro desta compreensão, a elaboração dos sentidos singulares pode gerar “*awareness*” espontânea que dizem respeito ao aprofundamento da compreensão sobre as coisas da vida, podendo-se integrar às bases conceituais, aplicadas à clínica, nas noções de contato e diálogo, que possibilitam o fluxo das “*awareness*” da pessoa. Na percepção de tempo vivido, implicando a vivência e a socialização no presente, e abrangendo as lembranças e as antecipações, a personalidade, a fala e o “*self*”, compreende-se que todos esses elementos são organizadores dos relacionamentos, das assimilações, da aquisição da fala poética e do ajustamento criativo das pessoas.

Considerações finais

A reflexão acerca do envelhecimento no contexto da juventude para sempre pode ser potencialmente enriquecida pelos aportes subjetivos visto que elas podem incorrer em contradições e exigem políticas sociais coerentes. Numa perspectiva integradora e crítica sobre tal contexto, sobre os constrangimentos comuns que lhe podem ser atribuídos e sobre a possível vivência de episódios depressivos agudos, podemos dizer que se evidenciam os riscos opressivos que este panorama pode trazer consigo, pois, a condição do envelhecimento impõe a mulheres e homens uma pressão para superar a finitude que, conforme Heidegger (2012), é nossa mais fundamental condição existencial.

A manipulação do indivíduo pela mídia e pela indústria se reforçam mutuamente e tem seus discursos ressignificados e assumidos como poder, na medida em que toma para si a responsabilidade de cuidar do próprio corpo e constrói uma individualidade distintiva. Deste modo, a medida em que o corpo é utilizado como um instrumento de poder, questionamos até que ponto o indivíduo não se transforma também em uma mercadoria (KNOPP, 2008) e, além do mais, Sibila (2004) nos alerta para a necessidade de realizar constantemente a crítica de nosso modo de vida e o uso da cientificidade com o que muitas vezes tiranizamos a nós mesmos com exigências de *upgrade* constante, tomando de empréstimo, como exemplo, uma palavra da retórica digital utilizada no cotidiano. Os discursos cotidianos regem nossos modos de ser sem que nos demos conta.

Assim, em territórios como de redes sociais virtuais pode ocorrer o uso abusivo da influência das tecnologias de informação e comunicação, devemos refletir sobre o seu uso cuidadoso, pois, seu contexto é “da desterritorialização, das biotecnologias, da pós-verdade, da reduzida empatia, da fragilidade psíquica que repercute na subjetivação das

peçoas, provocando sofrimento psíquico”, de forma que é importante que todos os atores sociais se envolvam no sentido do cuidado como prevenção através da reflexão e intervenção em ações de peçoas, instituições e em políticas públicas para o enfrentamento das iniquidades físicas e psicológicas a que estamos expostos. Assim, compreendendo o cuidado como componente da essência da existência humana, cuidar é o contraponto do adoecimento, significando respeito pelo outro, solidariedade, democracia, justiça e respeito aos direitos humanos (PIMENTEL, 2019, p. 978).

Referências

ALBUQUERQUE, Fernando Pessoa de. **Agravos à saúde mental dos homens envolvidos em situações de violência**. Dissertação. Programa de Medicina Preventiva. Universidade de São Paulo, 2012.

CERQUEIRA, Monique Borba. **Envelhecimento, saúde e novas sociabilidades**. Revista Kairós. São Paulo, vol. 16, edição 6, Dezembro, 1013.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2012.

CHNAIDERMAN, Mirian. O Mito do Corpo Jovem a Qualquer Preço. In: BARBIERI, Natália Alves; BAPTISTA Carolina Guimarães de. **Travessias do Tempo: acompanhamento terapêutico e envelhecimento** (p. 41-50). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

CRITELLI, Dulce. **História pessoal e sentido da vida: historiobiografia**. São Paulo: EDUC: FAPESP. 2015.

DANTAS, Jurema Barros. **Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade**. Estud. Pesqui. Psicol. Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 898-912. Dez, 2011.

DARDENGO, Cassia Figueiredo Rossi; MAFRA, Simone Caldas Tavares. **Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação?** Revista de Ciências Humanas. Vol. 18, n. 2. 2018.

DELBONE, Bárbara Slonsk; JOAQUIM, Stephanie Bittencourt; PLONER, Katia Simone; CYRINO, Luiz Arthur. **Gerascofobia** - o medo de envelhecer na contemporaneidade. Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano. Passo Fundo, vol. 10, n. 2, agosto, 2013.

DIAS, Ana Cristina Garcia. Representações sobre a velhice: o ser velho e o estar na terceira idade, In: CASTRO, Odair Perugini de. (Org.). **Velhice, que idade é esta?** Porto Alegre: Editora Síntese Ltda., 1998.

GASPAR, Antônio Carlos. Cadernos Metr pole. A trajetória da economia mundial: da recupera o do pós-guerra aos desafios contemporâneos. In: **Cadernos Metrópolis**. Vol. 17 (33), maio 2015.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

GIL, Antonio Carlos. Como Delinear uma Pesquisa Bibliográfica. In: GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2019.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. Campinas, SP: Papirus, 1984.

GUARNIERI, Valderis Maira; LOPES, Ruth Gelehrter. **Em que espelho ficou perdida a minha face?** A Angústia Frente ao Envelhecimento. Revista Longeviver, 109-113, 2015.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. **Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução: Marcia Sá Cavalcante Schuback. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

KNOPP, Glauco da Costa. **A influência da mídia e da indústria da beleza na cultura de Copolatria e na moral da aparência na sociedade Contemporânea**. IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (ENECULT). Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador, 2008.

LE BRETON, David. **Antropologia del cuerpo y modernidad**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade**. Tradução de Marina Appenzeller. 3 ed. Campinas: Papirus, 2003.

LE BRETON, David. **Desaparecer de Si: uma tentação contemporânea**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MONTEIRO, Henrique Moura. **O outro artificial e a cultura pós-moderna**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Pará. Belém, 2011.

MOREIRA, Virgínia; NOGUEIRA, Fernanda Nícia Nunes. **Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade**. Psicol. USP v.19 n.1 São Paulo, mar. 2008.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou Terceira Idade?** 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

PERLS, Frederick; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

PIMENTEL, Adelma do Socorro Gonçalves. Psicoterapia e Clínica Ampliada: diferenciando horizontes interventivos. In: HOLANDA Adriano Furtado (Org.). **O campo das psicoterapias: reflexões atuais** (pp. 165-174). Curitiba: Juruá, 2012.

PIMENTEL, Adelma do Socorro Gonçalves. **Reflexões sobre a clínica gestáltica virtual**. Revista IGT na Rede, 14(27), 2017.

PIMENTEL, Adelma do Socorro Gonçalves. **O uso cuidadoso das redes sociais virtuais**. Estudos e Pesquisas em Psicologia. Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 978-996, 2019.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. Tradução: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2017.

SIBILA, Paula. Tiranias do “software humano”: redefinições de saúde e doença. In: **Revista Logos**. Vol. 11, n. 20, p. 41-60, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2014.

TAVARES, Frederico; VARGAS, Rosa. **Processos de subjetivação e consumo: uma perspectiva psicossocial**. Revista Espaço Acadêmico. nº188, janeiro, 2017.

VILLAÇA, Nízia; GÓES, Fred; KOSOVSKI, Ester. **Que corpo é esse?** Novas Perspectivas. 2 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.